

A África como Objeto de Pesquisa Acadêmica: uma Análise das Revistas dos Três Primeiros Centros de Estudos Africanos no Brasil 1965/1987



<http://eoi.citefactor.org/10.11248/ehum.v8i2.1553>

Mariana Schlickmann

Mestre em História Social pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG

e-mail: mariana.schli@gmail.com



Recebido em: 29/05/2015 – Aceito em 09/08/2015

Resumo: O presente artigo buscou examinar a produção acadêmica dos três primeiros centros de estudos africanos no Brasil (CEAO/UFBA, CEA/USP e CEAA/UCAM) de 1965 a 1987 através das suas revistas. Qual o perfil dos acadêmicos, a quais áreas e subáreas pertenciam, quais os principais temas, recortes geográficos e temporais que pesquisaram são questões que levantamos em busca de compreender qual o conhecimento produzido no Brasil sobre África pelos primeiros centros de estudos africanos do Brasil

Palavras-chave: História, Estudos Africanos no Brasil, História da África.

Abstract: This paper aims to examine the academic production of the first three centers of African Studies in Brazil (CEAO/UFBA, CEA/USP and CEAA/UCAM) from 1965 to 1987 through its academic journals. What was the profile of academics, to which areas and sub-areas belonged, what were the main issues, what geographical and temporal delimitations were selected are issues that we raise in order to understand which knowledge was produced in Brazil about Africa by the first CEAs.

Key-words: History, African Studies in Brazil, Africa History.

Introdução:

Os Estudos Africanos no Brasil tiveram como marco de institucionalização acadêmica os primeiros centros de estudos (CEAs) dedicados ao tema, que foram: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) junto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), fundado em 1959; o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos (IBEAA), fundado em 1961, e transformado em Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) em 1973, junto à Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro (UCAM); e, por fim, o Centro de Estudos e Cultura Africana junto à FFLCH/USP (1963), hoje denominado Centro de Estudos Africanos (CEA). Estes centros foram espaços de referência na formação de pesquisadores e produção de conhecimento, por isso, ocuparam um papel importante no desenvolvimento dos Estudos Africanos no Brasil.

Este artigo,¹ mostra a análise da produção historiográfica das revistas acadêmicas produzidas pelos CEAs, por meio das características das áreas e subáreas de conhecimento dos artigos, dos principais temas, dos recortes geográficos e temporais das pesquisas, bem como do perfil dos pesquisadores que publicavam nas revistas. Este exame historiográfico de caráter quantitativo pretende contribuir para o conhecimento da história e trajetória dos Estudos Africanos no Brasil.

Os artigos utilizados nesta análise são referentes às revistas *Afro-Ásia*, do Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA, fundada em 1965; a *Estudos Afro-Asiáticos*, pertencente ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCM, de 1978; e *África*, revista do Centro de Estudos Africanos/USP, também inaugurada em 1978.

O recorte temporal inicial deste texto é 1965, pois trata-se do ano de lançamento da primeira revista voltadas aos estudos africanos no Brasil, a *Afro-Ásia* (1965). O marco

¹Este artigo é resultado parcial da dissertação de mestrado defendida em 2015 na Universidade Federal de Minas Gerais e que foi transformada em livro, em 2016. Ver: SCHLICKMANN, Mariana. A introdução dos estudos africanos no Brasil (1959-1987). Curitiba, PR: CRV, 2016.

final é 1987, o ano de defesa da primeira dissertação em História da África realizada no Brasil, de autoria de Selma Pantoja; este último recorte também marca o início da formação de professores especialistas em História da África, no Brasil.

Revista *Afro-Ásia*:

A primeira revista acadêmica brasileira dedicada a estudos sobre a África foi a *Afro-Ásia*, fundada em 1965, 6 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, ao qual é vinculada. Nos anos delimitados pela pesquisa (1965-1987) foram publicados 14 números da revista, em 9 volumes que totalizaram 90 artigos analisados. As publicações da *Afro-Ásia* possuíram periodicidade anual entre 1965 e 1970.

A respeito das Grandes Áreas de conhecimento² presentes na *Afro-Ásia*, houve predomínio da área das Ciências Humanas, seguida da Linguística, Artes e Letras, nesta sequência. A História foi predominante entre as subáreas de conhecimento, com 43% dos artigos. As temáticas mais recorrentes na subárea História foram: História da África, tráfico de escravos, escravidão, abolição e colonialismo. A Antropologia ficou em segundo lugar com 16,48%, ea maioria dos artigos abordaram questões de religiosidade, principalmente o Islã e o Candomblé. A terceira subárea com mais artigos foi a Sociologia, com 9,8%.

Em relação à Linguística, 7,69% foi o total de artigos publicados nesta área.³ A Ciência Política foi representada por 6,59% dos artigos e teve como temas recorrentes as questões internacionais pertinentes ao “Terceiro Mundo”. Esta é mesma porcentagem de artigos que não possuem uma área e/ou subárea específica (alguns textos da revista que tinham por assunto homenagens e tributos a pesquisadores importantes, por exemplo). As subáreas de Artes, Literatura Educação e Filosofia tiveram respectivamente 4,39%, 2,19% e 1,09%.

O recorte temporal dos artigos da *Afro-Ásia* também variou muito. Apesar de 51 dos 90 artigos se dedicarem ao século XX, diversos deles perpassam os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. 9 artigos abrangem uma longa duração, isto é, mais de 4 séculos de recorte temporal; e a maioria deles foram publicados nos primeiros números da *Afro-Ásia*. Com o decorrer do tempo, os textos da revista passaram a se dedicar a assuntos menos amplos, com objetos de pesquisa mais específicos e, conseqüentemente, com recortes temporais menores.

A respeito do recorte geográfico dos artigos, apesar da revista ser intitulada *Afro-Ásia*, almejando se dedicar a temáticas africanas e asiáticas, o Brasil foi o país mais estudado, correspondendo a 37% do total. O tema da religiosidade, em especial o candomblé, e os artigos relacionados à escravidão corresponderam a maioria dos textos, evidenciando a predominância das temáticas afro-brasileiras. Na sequência, com 26,66% dos trabalhos, o continente africano desponta como recorte geográfico, sendo 11,11% destinados ao estudo do continente como um todo. Daomé (atual Benin) foi o território mais citado, com 5 trabalhos; Nigéria vem em seguida, com 3 artigos; 2 foram dedicados à Angola; O Congo, a Etiópia e o Benin atual tiveram apenas um cada. Brasil e países africanos relacionados em um mesmo artigo estiveram presentes em 7,77% dos textos.

Vale ressaltar que 28,57% dos recortes geográficos corresponderam a locais citados somente uma vez no periódico, como é o caso de América do Sul, Terceiro Mundo, Ásia, Estados Unidos, Índia, China, Portugal, Israel, Japão e Irã.

Daomé apresenta-se como o recorte geográfico mais investigado, pois Júlio Santana Braga, pesquisador do CEAO, realizou pesquisas sobre religiosidade neste país e publicou 3 artigos sobre o tema na *Afro-Ásia*. A Nigéria, pelo forte entrelaçamento com o candomblé, também era alvo de interesse devido aos estudos sobre religiosidade, o que contribuiu para ser o segundo território mais frequente na revista.

²As áreas e subáreas foram estabelecidas através dos parâmetros da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

³As publicações relativas à Linguística foram produzidas por Yêda Pessoa de Castro, estudiosa da área, pesquisadora e coordenadora do CEAO.

Em relação aos autores, os detentores de maior número de textos publicados possuíam vínculo com o CEAO, a começar por Yêda Pessoa de Castro, a pesquisadora que mais publicou artigos na revista, conformando 6 artigos no total. Em seguida, outro pesquisador do CEAO, Rolf Reicher, detém 5 artigos. Waldir Freitas de Oliveira, Carlos Ott, Roger Bastide e Júlio Santana Braga publicaram 3 textos cada um. Vivaldo da Costa Lima, Fernando da Rocha Peres e Pierre Verger tiveram 2 manuscritos cada. Ao todo, 72 pessoas publicaram artigos na *Afro-Ásia*, dentro do recorte temporal de interesse desta pesquisa. Mesmo com a marcante desigualdade de gênero na revista (apenas 7 mulheres), Yêda Pessoa de Castro foi a pessoa que mais publicou artigos.

Sobre a origem dos pesquisadores, 28,88% são brasileiros. A segunda maior nacionalidade é estadunidense, contando com 7,77%, seguida de nigerianos e franceses com 4,44% cada e israelitas com 2,22%. Também tiveram pesquisadores do Senegal, Gana, Daomé e Marrocos contribuindo para o periódico, com 1 artigo, cada um deles.

Como a maioria dos artigos são da subárea de História esta também é a profissão da maioria dos pesquisadores: 18,88% historiadores, 13,33% antropólogos, 6,66 sociólogos e 3,33% cientistas políticos. Linguistas, políticos, juristas, artistas, diretores de museus, teólogos, geógrafos, jornalistas, professores, advogados e escritores também contribuíram para a *Afro-Ásia*.

Sobre o vínculo dos pesquisadores que contribuíram para a revista *Afro-Ásia*, 12 eram associados ao CEAO e 2 eram professores de outros departamentos da UFBA. Os demais pertenciam aos quadros de outras universidades brasileiras: 2 artigos publicados por professores da USP; e um por professores de outras universidades: Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal da Bahia (UFBA). 3 pesquisadores da *Ifè University*, na Nigéria, 2 da *Northwestern University* (EUA) e 2 da *Université de Paris* (França) também enviaram seus textos para o periódico. Os pesquisadores das demais instituições estrangeiras publicaram um artigo cada, e foram elas: *Howard University* (EUA), *Institut Fondamental d'Afrique Noire* (Senegal), *New York University* (EUA), *Oxford University* (Inglaterra), *Université Libre du Congo* (Congo), *El Colegio de México* (México), *University of Port Harcourt* (Nigéria), *Toronto University* (Canadá), *Tel-Aviv University* (Israel), *Université Catholique de Louvain* (Bélgica), *Instituto Luis de Camões* (Macau), *Universidade da Cracovia* (Polônia), *University of Texas* (EUA), *Hunther College* (EUA), *Centre National de la Recherche Scientifique* (França), *Universidad Católica Andrés Bello* (Venezuela) e o *Musée d'Histoire de Ouidah* (Benin).

Este grande número de importantes instituições internacionais, as quais estes pesquisadores estrangeiros eram vinculados mostra a rede de comunicações da revista, e também sua capacidade de articulação e alcance. Em quatro continentes, América, Europa, Ásia e África, pesquisadores de diversas áreas tiveram conhecimento acerca da *Afro-Ásia* e estabeleceram diálogo com a revista.

Revista *Estudos Afro-Asiáticos*:

A Revista *Estudos Afro-Asiáticos* foi fundada em 1978, 5 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), na Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro. No recorte que analisamos, até o ano de 1987, foram publicados 13 números da revista, em 11 edições.

Destas 13, 3 foram dedicadas inteiramente a comunicações apresentadas em eventos do CEAA. O número 6/7 de 1982 contém as 53 comunicações do 1º Seminário Internacional Brasil-África, realizado pelo CEAA e a revista número 8/9 de 1983 concentra as comunicações do Encontro Nacional Afro-

Brasileiro. Por não se tratarem de artigos, mas sim das falas e alocações dos participantes, estes 2 exemplares não foram analisados. A revista número 11 de 1985 fez parte do conjunto analisado, pois publicou os anais, artigos apresentados no Colóquio da Afro-Latinidade, também organizado pelo CEEA.

A estreita relação entre Cândido Mendes (reitor da Universidade Cândido Mendes) e o Governo Federal possibilitou à revista *Estudos Afro-Asiáticos* ter uma liberdade raramente encontrada no período da ditadura civil-militar. Esta liberdade propiciou que a referida universidade fizesse a aquisição de livros e materiais de difícil acesso no período. Este material eram teses e dissertações ou livros publicados em outros países e importados pelo CEEA, bem como textos sobre assuntos normalmente censurados, como o comunismo na China. Muitos eram indicados para a leitura em uma sessão da revista, intitulada Indicação Bibliográfica.

Na análise da revista, delimitamos um recorte temporal de 1978-1987, o que totalizou 52 artigos publicados. Neste período as atividades do Centro de Estudos Afro-Asiáticos estavam voltadas para temas como *apartheid*, colonialismo e independências de países africanos, em especial as colônias portuguesas. Além disso, o CEEA estava trabalhando com consultorias e assessorias em diversas ações do Governo Federal relacionadas à África. As publicações da revista, até 1985, refletem as temáticas pesquisadas no Centro. A partir de 1985, o financiamento da estadunidense Fundação Ford e a nova coordenação do CEEA trouxeram novos temas de pesquisa, que influenciaram diretamente nos conteúdos da revista. Neste novo período, pesquisadores relacionados aos estudos afro-brasileiros foram contratados, e a revista passou a dedicar mais espaço para temáticas afro-brasileiras do que africanas.⁴

A subárea da Ciência Política teve maior número de trabalhos escritos, 15 no total, seguido pela História com 12, Economia com 10, Sociologia com 6, Literatura com 5 e demais subáreas como Antropologia com 2 e Filosofia e Artes com 1 cada. A subárea da Ciência Política predominou nos artigos referidos à África; os textos de História tiveram mais foco no Brasil; da Economia abordaram as relações África-Brasil e os trabalhos sobre Arte foram dedicados a Ásia, de forma geral.

Estes números contemplam as preocupações e atividades do CEEA, pois o principal foco foi os assuntos relativos à política e economia internacional, bem como as pesquisas feitas sob encomenda para o Governo Federal. Citamos como exemplo o financiamento do FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) para realização de um estudo sobre o plano de desenvolvimento socioeconômicos da Argélia, Angola, Camarões, Congo, Egito, Gabão, Moçambique, Quênia, Zaire e Zimbábue.⁵ Além disso, as questões de *apartheid*, racismo e independências, colonização/descolonização constituíam eixo central do CEEA.

Em relação ao recorte temporal dos artigos, mais de 80% se concentraram no século XX. A virada do século XIX para o XX foi o segundo período mais pesquisado, seguido do século XIX. Há somente 3 artigos com uma periodização que atravessa um recorte temporal amplo, 2 destes foram dedicados à cultura chinesa, e 1 à história japonesa. Os recortes temporais dos artigos seguem em harmonia com os principais temas pesquisados, pois a política e economia contemporâneas no continente africano eram o principal alvo da linha editorial da revista *Estudos Afro-Asiáticos*.

No que diz respeito ao recorte geográfico dos artigos publicados entre 1978 a 1987, o principal foco de pesquisa é África, e todos os países africanos pesquisados somam juntos 36,53% dos 52 textos analisados. O Brasil foi o foco de 25% dos artigos; 15,38% dos textos analisaram o continente africano como um todo; e 15,38% abordaram a relação entre a África e o Brasil. África do Sul e Angola foram os países mais pesquisados, seguidos de Guiné-Bissau e Moçambique. A predominância de países língua portuguesa como foco de análise dos artigos da revista *Estudos Afro-Asiáticos* pode ter ocorrido pela falta de domínio das demais línguas faladas nos países

⁴SEGURA-RAMIREZ, Hector. Revista Estudos Afro-Asiáticos (1979-1997) e relações raciais no Brasil: elementos para o estudo do subcampo acadêmico das relações raciais no Brasil. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). São Paulo, 2000, p. 38.

⁵Relatório de Atividades. Estudos Afro-Asiáticos, n. 13, (1987), p. 116.

africanos, como o inglês e francês; e também pelas questões linguísticas e culturais compartilhadas com Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. A atenção dada a Guiné-Bissau ocorreu porque foi a primeira ex-colônia portuguesa reconhecida pelo Brasil como Estado independente, em 1 de julho de 1974, e também foi parceira de um projeto do CEEA, financiado pelo Ministério das Relações Exteriores que tinha por objetivo cooperação técnica-cultural.⁶ A África do Sul, onde o inglês era o idioma oficial, teve seu destaque na revista, por causa do debate internacional sobre o *apartheid*. Este assunto foi tema de vários artigos e, na maioria das vezes, analisado de forma comparativa com as questões raciais brasileiras.

Outro fator que notamos diz respeito aos autores/as. Somente 8 mulheres escreveram artigos, contrastando com os 35 homens. Cabe também destacar que 4 autores possuem mais de 5 artigos publicados, e todos eram pesquisadores associados do CEEA. Jacques d'Adesky foi quem mais contribuiu para a revista, com 5 artigos, seguido de José Maria Nunes Pereira com 3, Kabenguele Munanga e Ricardo Joppert com 2 artigos cada um.

Aprofundando um pouco o perfil dos pesquisadores, 34,61% eram brasileiros, 7,69% argentinos, 3,84% eram sul-africanos, 3,84% angolanos, 3,84% ingleses, 3,84% estadunidenses e 3,84% mexicanos. As demais nacionalidades eram de pesquisadores do Congo, Portugal, Bélgica, França, Nigéria, Cabo Verde, Alemanha e Benin.

Sobre a formação dos pesquisadores, 11,53% tinham formação de historiador, 9,61% eram cientistas políticos, 7,69% filósofos, e 7,69% sociólogos. 5,76% tinham formação em Literatura, Antropologia e Ciência da Informação, enquanto Letras e Economia compunham 3,84% do total. Diplomatas, ministros, geógrafos, jornalistas, advogados também publicaram na *Estudos Afro-Asiáticos*.

No referido período, o CEEA era bastante internacionalizado, uma vez que mais da metade dos artigos foi escrito por estrangeiros. Pesquisadores de importantes universidades, nacionais e internacionais contribuíram para a revista. Ao todo, 11 pesquisadores do CEEA escreveram na *Estudos Afro-Asiáticos*, muitos, como já citado acima, publicaram mais de uma vez no periódico. Das universidades brasileiras, USP, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (UCG) estiveram presentes, além de órgãos governamentais como Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

A *Afro-Asiáticos* também teve boa circulação internacional, pois o contato estabelecido com importantes universidades propiciou a colaboração de autores de diversos lugares do mundo, como *Harvard University* (EUA), *Hunter College* (EUA), *Queen's University de Belfast* (Irlanda do Norte), Universidade do Porto (Portugal), *Dartmouth College* (EUA), Universidade Nova de Lisboa (Portugal), *Université de Grenoble* (França), *Elizabethtown College* (EUA), Instituto Nigeriano de Assuntos Internacionais (Nigéria), *Universidad Nacional de Rosario* (Argentina), *El Colegio de México* (México), Instituto de Estudos Latino-Americanos de Hamburgo (Alemanha) *Centro Argentino de Estudios Internacionales* (Argentina), Instituto Nacional da Guiné (Guiné Bissau), *University of Benin* (Nigéria).

Revista África:

A revista do Centro de Estudos Africanos da USP, denominada *África*, foi fundada em 1978, e comandada pelo seu diretor, Ruy Galvão de Andrada Coelho, e principalmente pelo vice-diretor, Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Dentro de nosso recorte, analisamos 92 artigos, distribuídos em 10 revistas publicadas ininterruptamente, de 1978 a 1987.

⁶Relatório de Atividades. Estudos Afro-Asiáticos, n. 1, (1978), p. 64.
⁷MUNANGA, Kabenguele. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: número especial 2012, p. 11-30, p. 26.

Entre as 3 revistas pesquisadas, a *África* foi a que contou com mais autores estrangeiros, em comparação com a *Afro-Ásia* e a *Estudos Afro-Asiáticos*. Foi também a única que publicou artigos em outros idiomas (francês, inglês e espanhol), o que facilitou o acesso aos pesquisadores estrangeiros.⁷

Das subáreas, a História foi a mais recorrente, com 26,58%, seguida de Literatura com 24,05%, Antropologia com 17,72%, Sociologia com 10,12% e Ciência Política com 8,86%, Linguística com 5,06% dos artigos, Artes e Filosofia tiveram 2,53%, Economia e Etno-musicologia 1,26%.

Dentro da subárea de História, os assuntos mais recorrentes foram escravidão, colonialismo, ancestralidade, negritude e a Rainha Nzinga Mbandi. Já em Literatura, Aimé Césaire foi o escritor mais pesquisado, seguido de José Luandino Vieira. Religiosidade e cultura foram temas igualmente recorrentes na Antropologia e Sociologia.

A respeito do recorte temporal dos artigos, como nas demais revistas, o século XX foi o mais pesquisado, com mais de 70,88% do total das publicações. Trabalhos com mais de quatro séculos de recorte, ou sem temporalidade definida ocuparam 11,39%. A periodização do século XIX ao XX, também apareceu com frequência. Contudo, 3 artigos tiveram um recorte temporal pouco usual, século XVI ao XVII, fato que ocorreu em razão dos estudos dedicados à Rainha Nzinga de Angola.

Sobre o recorte geográfico, a revista *África* foi a que menos dedicou artigos à temática afro-brasileira, totalizando 70,88% de textos sobre temas exclusivamente ligados ao continente africano. O país mais pesquisado foi Angola, seguido de Cabo Verde, Nigéria e Zaire. Brasil teve somente 7,59%, quantidade que pode ser considerada baixa em relação as demais revistas. Já as relações África-Brasil obtiveram 3,79% e as entre África-América 3,79%. Os países de língua portuguesa foram foco de análise da maioria dos artigos da subárea de Literatura. Na subárea de História, Angola despontou como um dos países mais pesquisados. Isso se deve a três aspectos: as lutas de independência em Angola, as relações privilegiadas com o governo brasileiro a partir da segunda metade da década de 1970; e a língua em comum com o Brasil.

Sobre o perfil dos 65 pesquisadores, 51 são homens, e 14 são mulheres, média maior que a das outras revistas. Como já foi citado, a revista contou com uma intensa colaboração de escritos estrangeiros, especialmente africanos e latino-americanos, inclusive de mulheres latino-americanas, contudo, há somente duas mulheres africanas que publicaram no periódico: Maria do Céu Carmo Reis, de Angola e Dulce Almada Duarte de Cabo Verde.

A *África* também contou com diversos pesquisadores que publicaram mais de um artigo, muitos vinculados ao CEA. Luís Romano e Fernando Augusto Albuquerque Mourão, o vice-diretor do CEA, publicaram 4 textos cada um. Luís Beltrán e Fernando Campos publicaram 3 artigos cada. Carlos Serrano, Fábio Leite, Liana Salvia Trindade e Biodun Adediran, Kazadi Wa Mukuna contribuíram com 2 artigos cada.

Entre os pesquisadores, 20,25% eram brasileiros, 11,39% eram da Nigéria, 7,59% do Zaire, 6,32% de Cabo Verde, 3,79% da Argentina e do Benin, 2,53% da França, do Canadá, do Congo, de Angola e dos EUA. Pesquisadores da Costa do Marfim, Espanha, Bélgica, Peru, Tanzânia e Quênia também contribuíram com textos para o periódico.

A revista do CEA foi a que menos teve pesquisadores associados publicando e também contou com menor participação de universidades brasileiras: 5 autores vinculados à USP escreveram artigos; a UFRJ também foi bem expressiva, contando igualmente com 5 publicações; além das contribuições da UFBA, UFF e Fundação Joaquim Nabuco. Das universidades estrangeiras, a *Ifè University* (Nigéria) foi a que mais teve pesquisadores publicando na revista, 6 deles ao todo, sendo que a maioria era vinculada ao Departamento de História. *Université Nationale du Bénin* (Benin), teve publicações de 3 de seus professores.

As demais instituições publicaram somente um artigo cada, foram elas: como: *Université de Cocody* (Costa do Marfim), *Université Libre du Congo* (Congo), *Université Catholique de Louvain* (Bélgica), Serviço Nacional de Museus do Benin (Benin), *Institute of the National Museums in Zaire* (Zaire), *Hunther College* (EUA), *University of Ibadan* (Nigéria), *University of Toronto* (Canadá), *Université Laval* (Canadá), *University of Benin* (Nigéria), *Université de Kinshasa* (Congo), *University of Califórnia* (EUA), *Centre National de la Recherche Scientifique* (França), *Smithsonian Institution* (EUA), *Universidad Nacional de Rosario* (Argentina), *Universidad Argentina John F. Kennedy* (Argentina), Universidade de Cabo Verde (Cabo Verde), *Universidade de Dar es Salaam* (Tanzânia), *University of Nairobi* (Quênia).

Das profissões, os pesquisadores formados em Letras foram maioria, 12,65% no total; seguidos dos pesquisadores da subárea de História com 8,86% dos textos, Antropologia e Ciência Política com 5,06% e Sociologia com 3,79%. Havia também profissionais, tais como havia jornalistas, filósofos, dramaturgos, economistas, juristas, romancistas, diplomatas, cientistas sociais, médicos, etnomusicólogos, etnolinguistas e diretores de órgãos públicos.

Análise comparativa entre as revistas:

Todas as revistas trazem em si a marca da interdisciplinaridade, comum nos estudos africanos. Por isso, apesar da História ter sido sempre uma das subáreas mais recorrentes, Antropologia, Sociologia, Literatura, Ciência Política, Economia, Artes, Filosofia, Linguística e Educação também contribuíram com artigos substanciais. A seguir, no Quadro 1, dispomos de maiores informações:

Quadro 1 - Subáreas mais recorrentes nas revistas Afro-Ásia, Estudos Afro-Asiáticos e África.

Subárea	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Total
História	40	12	21	73
Ciência Política	06	15	07	28
Antropologia	15	02	14	27
Literatura	02	05	19	26
Sociologia	09	06	08	23
Economia	–	10	01	11
Outro ⁸	06	–	01	11
Linguística	06	–	04	10
Artes	04	01	02	07
Filosofia	01	01	02	04
Educação	01	01	–	02
TOTAL	90	53	88	222

Fonte: *Revista África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987.

⁸Na revista Afro-Ásia, o item “outros” refere-se a biografias, relatos de viagem, e etnomusicologia. Na revista África trata-se da etnomusicologia.

13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

Conforme o quadro evidenciado acima, podemos perceber que a subárea de História predomina em 32,88% dos textos dos periódicos acadêmicos em questão. As demais subáreas não apresentam evidente disparidade entre si, pois a segunda mais frequente é a Antropologia com 12,16%, seguida de Ciência Política com 12,61%, Literatura com 11,71% e Sociologia com 10,36%.

Estes dados condizem com os recortes temporais mais presentes nas revistas. Por exemplo, a *Afro-Ásia* é a que possui o maior número de artigos dedicados à História, e ao mesmo tempo possui um recorte temporal mais diversificado, perpassando por diversos séculos.

Já a *Estudos Afro-Asiáticos* apresenta um equilíbrio entre Ciência Política, História e Economia, as três subáreas mais frequentes. O foco da revista nestes temas, principalmente política e economia está relacionado com o século XX como recorte temporal.

Por sua vez, a revista *África* possui 70,88% dos artigos delimitados no século XX, e também uma boa distribuição dos artigos mais frequentes, que pertencem as subáreas de Antropologia, História e Literatura.

O Quadro 2 abaixo expõe em números os recortes geográficos mais presentes nos periódicos.

Quadro 2 - Recortes geográficos mais recorrentes nas revistas Afro-Ásia, Estudos Afro-Asiáticos e África.

Recorte Geográfico	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Total
Continente Africano	24	19	55	98
Brasil	34	13	06	53
África-Brasil	07	08	03	18
África-América	05	04	03	12
Outros	20	09	10	38

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

A *Afro-Ásia* é a única com mais artigos sobre o Brasil do que sobre o continente africano. Contudo, eles não se distanciam muito, pois abrangem temáticas afro-brasileiras, em especial religiosidade e assuntos relacionados à escravidão. Entretanto, ela possui uma média similar às outras revistas em artigos sobre relações África-Brasil e África-América. Do mesmo modo, os textos sobre o Brasil da *Estudos Afro-Asiáticos* também possuem como tema recorrente a escravidão e as religiosidades. Porém, a revista possui mais escritos sobre África, mas os números relativos aos demais temas não se distanciam muito, mantendo uma média equilibrada. Por sua vez, o periódico *África* é o que efetivamente mais se dedica ao estudo do continente africano, trazendo uma grande variedade de assuntos, nas mais distintas subáreas do conhecimento.

Aprofundando um pouco mais acerca dos recortes geográficos dos periódicos, o Quadro 3 elenca

a diversidade de países, conforme exposto a seguir.

Quadro 3 - Recortes geográficos em África mais recorrentes nas revistas Afro-Ásia, Estudos Afro-Asiáticos e África.

Recorte Geográfico	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Total
África geral	10	08	29	57
Angola	02	03	06	11
Nigéria	03	–	04	07
Cabo Verde	–	–	07	07
Daomé	05	–	–	05
Zaire	–	–	05	05
África do Sul	–	04	–	04
Benin	01	–	02	03
Guiné-Bissau	–	02	01	03
Reino do Ngoyo	–	–	01	01
Namíbia	–	01	–	01
Moçambique	–	01	–	01
Reino de Gana	01	–	–	01
Congo	01	–	–	01
Etiópia	01	–	–	01

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

Como pode ser percebido, artigos que abrangem o continente como um todo são maioria em todas as revistas. Angola é o país mais pesquisado, e também o único presente em todos os periódicos. Dos países de língua oficial portuguesa, somente Moçambique recebeu apenas um artigo, os demais (Guiné-Bissau, Cabo Verde e o já citado Angola) estiveram presentes em mais de uma revista. Essa predominância, deve-se reforçar, está intrinsecamente ligada à facilidade que a língua em comum proporciona nas comunicações. Podemos perceber também que a presença dos demais países estava associado aos pesquisadores estrangeiros que colaboraram com artigos, uma vez que a maioria dos autores escreveu sobre

o seu próprio país.

Os números desta análise geral mostram que os textos que abrangem o continente africano como um todo, sem um país ou local especificamente analisado compõem a maioria. Entre os que possuem recorte específico, Angola predomina como o país mais estudado, seguida de Nigéria, Cabo Verde, Daomé, Zaire, África do Sul, Benin e Guiné. Os demais países foram objeto de estudo somente 1 vez.

Quadro 4: Perfil dos pesquisadores que publicaram artigos nas revistas Afro-Ásia, Estudos Afro-Asiáticos e África.

Pesquisadores	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África
Homens	55	35	51
Mulheres	07	08	14
Publicaram mais de um artigo na mesma revista	10	05	10
TOTAL	62	43	65

Fonte: Revista África, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos. Revista Estudos Afro-Asiáticos, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos. Revista Afro-Ásia, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos

Conforme destacamos anteriormente, as mulheres representam uma minoria entre os pesquisadores. A *Afro-Ásia* é a revista com menor representatividade de gênero, apesar de ter sido a única no período a contar com uma coordenadora mulher, Yêda Pessoa de Castro. Para computar o número total de pesquisadores, atentamos para o fato de que 6 deles publicaram em mais de um destes periódicos no período delimitado por esta pesquisa. Em geral, as revistas do CEAO e do CEA compartilharam os autores, 6 homens e 2 mulheres. Deste modo, 141 autores eram homens, e 29 mulheres, totalizando 170 pesquisadores/as. Este dado informa a proporção de 4,86 homens para cada mulher que publicou artigo nas revistas.

Esta informação representa um paradoxo, uma vez que Moema Guedes aponta que o número de mulheres em cursos de pós-graduação na área de Ciências Humanas é, desde a década de 1970, mais elevado que o de homens.⁹ Jaqueline Leta, por sua vez, afirma que apesar de as mulheres serem maioria nas Ciências Humanas, tanto como alunas quanto docentes universitárias, elas até hoje ocupam menos cargos de administração e liderança. Também são minoria nas agências de fomento à pesquisa no país e nos comitês científicos que decidem sobre a distribuição das bolsas de estudos e seus valores.¹⁰

Estes fatores, de certa forma, inibiam e inibem até hoje a produção acadêmica feminina. Maria Yedda Linhares, por exemplo, em entrevista à Jerry D'Ávila, falou que passou a se dedicar à História da África, na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil pois foi a única disciplina que seu departamento, composto inteiramente por homens, "permitiu" que ela pesquisasse, pois na época esta era considerada uma matéria periférica e, por esta razão não despertava o interesse de nenhum colega.¹¹

É importante destacar também que os três periódicos analisados não eram compostos somente por artigos, pois havia a prática de publicar também resenhas de livros

⁹GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008, p. 126.

¹⁰LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. Estudos Avançados, 17 (49), 2003, p. 280.

¹¹D'ÁVILA, Jerry. Hotel Trópico: O Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950 – 1980. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

e indicações bibliográficas. Todas, igualmente, traziam notícias sobre os acontecimentos no continente africano, na época em plena efervescência política após as independências de várias ex-colônias. A *Afro-Ásia* e a *Estudos Afro-Asiáticos* também traziam informações sobre os centros de estudos e os relatórios produzidos por estes. A *África* não tinha esta seção, mas apresentava resumos de teses e dissertações defendidas em diversas instituições, promovendo a divulgação de trabalhos acadêmicos sobre o tema.

Conclusão:

A década de 1960 foi bastante intensa no continente africano, pois diversos países que conquistaram suas independências e provocaram profundas mudanças políticas e econômicas, o que colocou a África em destaque no mundo. Relacionando os temas, recortes temporais e geográficos, áreas e subáreas de conhecimento dos artigos publicados nas revistas, nota-se que estes estavam em consonância com os acontecimentos do período. Este cruzamento de informações mostra como os CEAs estavam atualizados e sintonizados com os acontecimentos em África, promovendo o debate sobre assuntos extremamente relevantes do período.

Para a introdução dos estudos africanos no Brasil, os CEAs tiveram um papel estrutural, pois naquele período os livros sobre África eram escassos e difíceis de obter. Esta situação era pior quando se buscava livros escritos em português. Portanto, os periódicos dos centros de estudos africanos foram importantes instrumentos de formação e informação sobre a África, e tiveram sucesso em cumprir este papel e disseminar o conhecimento.

Deste modo, apresentamos um cenário acerca da produção dos centros de estudos africanos no Brasil. Mais uma vez, é importante ressaltar que estas interpretações não são totalizantes. Constituíram, portanto, reflexões realizadas a partir de uma análise quantitativa e qualitativa da produção das revistas, com o intuito de demonstrar, por meio de um balanço historiográfico dos periódicos dos primeiros CEAs, os avanços já conquistados pelos estudos africanos no Brasil.

Bibliografia:

- BELTRÁN, Luís. *O Africanismo Brasileiro*. Recife: Pool, 1987.
- BITTENCOURT, Marcelo; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. África e Brasil: uma história de afastamentos e aproximações. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul, RS: Educ, v. 10, n. 19, 2011.
- D'ÁVILA, Jerry. *Hotel Trópico: O Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950 – 1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- FICO, Carlos; POLITO, Roland. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.
- FICO, Carlos; POLITO, Roland. A historiografia brasileira nos últimos vinte anos: tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir. *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas, SP: Papius, 1996.
- GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.
- HERNANDEZ, Leila Leite. História da África no Brasil. *Cerrados (UnB. Impreso)*, v. 19, p. 231-242, 2010.
- HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008, p. 149-160.
- LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003.
- OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. *Agostinho da Silva e o CEAO: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São

Paulo, 2010.

PEREIRA, José Maria Nunes. *Os Estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973 – 1986)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1991.

_____. Os Estudos Africanos na América Latina: Um estudo de caso. O centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). In: *Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro*. Córdoba; Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales e CEA-UNC, Centro de Estudios Avanzados-Universidad Nacional de Córdoba, 2008.

PEREIRA, Marcia Guerra. *História da África, disciplina em construção*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2012.

Relatório de Atividades. Estudos Afro-Asiáticos, n. 1, (1978), p. 64.

Relatório de Atividades. Estudos Afro-Asiáticos, n. 13, (1987), p. 116.

SEGURA-RAMIREZ, Hector. *Revista Estudos Afro-Asiáticos (1979-1997) e relações raciais no Brasil: elementos para o estudo do sub-campo acadêmico das relações raciais no Brasil*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). São Paulo, 2000.

ZAMPARONI, Valdemir D. Os estudos africanos no Brasil: veredas. *Rev. Educ. Pública*, Cuiabá, v. 4, n. 5, jan./jun. 1995.

_____. África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. *Cienc. Cult.*, vol.59, n. 2, São Paulo Abr/Jun, 2007.